



POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E A NECROPOLÍTICA OPERANTE: POR UMA REFLEXÃO AOS 15 ANOS DA LEI 14.192 - MARIA DA PENHA.

LAUREN CARLA ESCOTTO MOREIRA¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – lauren-cmoreira@educar.rs.gov.br

² Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm. @gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Adelaide Ivánova, natural de Recife é poeta, fotógrafa, tradutora e editora brasileira. Além dos três livros publicados – *autotomy* (...) (Pingado-Prés, 2014), *Polaróides* (Cesárea Editora, 2014) e *O martelo* (Douda Correria, 2016; Edições Garupa, 2017); tradutora de Ingeborg Bachmann, Hans Magnus Enzensberger e Paul Celan. Ainda em 2017, participou da programação oficial de festivais como FLIP (Paraty, Brasil) e Latinale (Berlim, Alemanha). Faz a edição do zine anarcofeminista *MAIS PORNÔ, PVFR!* E possui uma coluna mensal na Revista Pessoa. Ivánova é integrante em antologias, performances e exposições tanto no Brasil, assim como no exterior. Divide atividades o Brasil e a Alemanha.

É possível reconhecer que na poesia contemporânea de Adelaide Ivánova, em *Fruto Estranho*, o poema pode articular-se em conjunto com o pensamento de Achille Mbembe. O autor desenvolve o conceito de necropolítica: o paradigma das tecnologias políticas de governo baseadas no poder soberano; no direito em legitimar, de forma estatal, a morte aos indivíduos. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o poema que traz no cerne do seu fazer poético de Ivánova em declamar as denúncias de mulheres protagonistas do mundo factual presentes no interior do poema: a violência naturalizada contra a mulher.

2. METODOLOGIA

Para Blanco (2018) afirma que “entre a ciência e fábula, entre a imagem e a palavra, a escrita surge como aquilo que caminha por esses espaços desenhando suas próprias bordas ao mover barreiras que separam as coisas” (BLANCO, 2018, p.154). Esta pesquisa traz reflexões acerca das representações da necropolítica contra a mulher na literatura brasileira contemporânea. Observam-se diferentes formas de feminicídio – o homicídio feminino – com destaque para essa violência está na poesia de Adelaide Ivánova em “Fruto Estranho” (2017). Metodologicamente, parte-se das abordagens filosófica, política e literária, para possíveis análises. Quanto aos procedimentos da literatura: estará imbricada entre a linguagem poética e a linguagem filosófica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *Martelo* (livro), de Adelaide Ivánova, afixa suas publicações no muro dos diversos tipos de violência e a banalização deste corpo violentado, violado, morto. Apregoa os nomes próprios e desativa o mecanismo de culpa dessas vítimas e, por fim anuncia um grito de luta. Um martelo é uma arma, mas também uma ferramenta,



afirma a poeta. E complementa que se “pode derrubar tudo e depois construir algo com ele”.

Em *Fruto Estranho* (2017) há em consonância com questões da biopolítica, o corpo (bio) dos sujeitos, porque apresenta em seu dizer poético sobre o poder ideológico em que há um novo formato de anatomia política: o corpo indispensável como protagonista no cenário político, o qual se permitirá o controle maior “na arte de punir por uma anatomia calculada das punições” (FOUCAULT, 2015, p.160). Ao nascimento do Estado, até os dias atuais, há notoriedade em ‘amor ao Estado’ ou ‘o horror ao Estado’ justamente pela vontade política que ele emana aos indivíduos. A biopolítica: o exercício de poder sobre o corpo-espécie e se sucede nos indivíduos. O Estado coercitivo legitima e regula as práticas e saberes os quais o corpo se sujeita. A prática sugere a possibilidade de suspensão do ordenamento jurídico vigente; ele atua e delega por decretos como força de lei, sem imposição alguma para as decisões aplicadas e por último as garantias dos direitos individuais dos sujeitos são suprimidas, esses expostos ao risco de transgressão de liberdade e da vida com legalização justificada. O descarte do corpo através de mecanismos de poder.

O poema faz um vínculo entre a política e as relações socioraciais e de gênero, e os mecanismos contemporâneos que estão insuflados no entorno da vida das pessoas. Para Foucault (2015) “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica (2015, p. 144). Neste interim, convém associar a fala de Michel Foucault, a percepção de biopolítica e biopoder, implica agregar o conceito de necropolítica de Achille Mbembe, os quais são percebidos em *Fruto Estranho, sua fala*: “(...) adiantei a noção de necropolítica e necropoder para dar conta das várias vias, pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas são utilizadas com vistas para a máxima destruição de pessoas e a criação de mundos-mortos, nova e únicas formas de existência social, em que grandes populações são sujeitadas a condições de vida que conferem a elas o estatuto de mortos viventes” (MBEMBE, 2003). O autor expressa, peculiarmente, as considerações de política, e de gênero – ‘dá ouvidos’ a contextualização social contemporânea oriunda, ainda que, dos processos de colonização e aos elementos de colonialidade inscritos nas relações e nos mecanismos de poder, em outras palavras, as neoplasias do Estado.

Outra contribuição para análise de *Fruto Estranho*, em que as estrofes estão postas em evidência a todos as formas de violência dos corpos femininos, descritas e inconclusivas ao processo penal de direito que lhes cabem. A fala de Arendt, em suas assertivas tão atuais, aponta sobre as experiências da violência nos domínios da política que ainda permanecem obscuros e sem resposta; expõe em “até que ponto tomou-se a violência e a sua arbitrariedade como fatos corriqueiros e foram, portanto negligenciadas; ninguém questiona ou examina aquilo que é óbvio para todos” (ARENDT, 2000, p.7). E, acrescenta que se necessita um pensamento alargado, ou seja, a imaginação atua como uma dobradiça que se abre para a sensibilidade e o intelecto. Ela é importante para compreender acontecimentos presentes e pretéritos, para nos reconciliarmos com o mundo ou para nos entendermos com os outros. Arendt não recorre a romances e à poesia para se distrair do real, e sim para entender, nele, o que as categorias de pensamento já não podem esclarecer. Quer, com a literatura, o que quis na vida: entender o incompreensível. (NAGAMINE, 2021).

4. CONCLUSÕES

Neste momento, pode observar que a arte desempenha um papel preponderante a sociedade: além do exercício de prazer, além da estética pelo belo e deleite, ela está no exercício em ouvir às vozes do pensamento do mundo e dos sujeitos e, em denunciar o mundo. A contemporaneidade vive no obscurantismo: hei de lembrar que a necroética, a necropolítica e o necropoder estão exacerbados pelo mundo inteiro. O discurso de neonazifascismo cresce. A intolerância cresce. E os mecanismos os quais a Arte oblitera esse obscurantismo, em específico, é a poesia. O poema narrativo, *Fruto Estranho*, inspira o relato de uma experiência para dialogar com o mundo contemporâneo; as formas de violência às mulheres; há um cerceamento do corpo e, nas entrelinhas, uma costura entre cada história, uma peregrinação por justiça e, esta não ocorre. Ivánova intenciona ser porta voz do coletivo, de um anseio da sociedade. As descrições detalhadas nos permite a imagem de uma justaposição de corpos violentados além de sensações diversas. Ela provoca a discussão, a reflexão do entorno e a ‘justiça dos homens’ sem resposta penal; a judicialização se exime; os assassinatos pela condição de gênero em desigualdade, discriminação, opressão, vulnerabilidade: a necropolítica de gênero produz uma instrumentalização dos corpos femininos- constrói regime de terror e decreta a pena de morte.

Por fim, a mentalidade alargada é se tornar permissivo com a mundivivência do outro em seu tempo, espaço e condição e a partir desses, a possibilidade em que cada pessoa comprehende o mundo de forma diferenciada. Arendt (2000) retrata que de “uma triste reflexão sobre o atual estado da ciência política o fato de que nossa terminologia não distinga entre palavras chave tais como “poder”, “força”, “autoridade”, e, finalmente, “violência” – todas as quais referem-se a fenômenos distintos e diferentes entre si e difficilmente existiriam não fosse a existência destes”(p.27).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BLANCO, Daniela Cunha. **Rancière, bordas da escrita**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

IVÁNOVA, Adelaide. **O Martelo**. Rio de Janeiro: Edições Garupa, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

NAGAMINE, Renata. **Hannah Arendt usa a literatura em busca de um pensamento alargado para tentar entender o incompreensível**. Quatro, cinco, uma – a revista dos livros. Folha de São Paulo Digital, São Paulo, 1 ago. 2021. Acessado em 04 ago. 2021. Online. Disponível em:



https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/laut/o-poder-da-imaginacao?utm_source=facebook&utm_medium=social-organic&utm_campaign=calendario-social&fbclid=IwAR2lcS78iyMV1CCuCzSqggAggueTta6wwfQ-SMi6gYgePJigA9-GMsOAW3A